

Prefeitura quer alfabetizar

60 mil adultos

Projeto será lançado no domingo.

Método empregado é o "Paulo Freire"

06 — 26/10/89 — Caderno A — GAZETA DE PINHEIROS

Marcos Mônaco

Tanto o governo estadual como federal nada têm feito, nos últimos anos, para erradicar o analfabetismo no Município de São Paulo, que conta com cerca de 1,5 milhão de analfabetos. A fim de mobilizar a população e estabelecer uma ação conjunta com o governo federal, a Secretaria Municipal de Educação está lançando um projeto de alfabetização de jovens e adultos, no próximo domingo (29), na Câmara Municipal de São Paulo. O Movimento de Alfabetização (MOVA) deverá atingir 60 mil pessoas até o final de 1990. Serão dois mil núcleos de ensino espalhados pelo Município. A maior concentração desses núcleos deve ficar nas regiões Leste e Sul, onde há maior incidência de analfabetismo.

O projeto apresenta algumas novidades quanto à sua concepção pedagógica e formas de organização do movimento. O método segue a linha do projeto Paulo Freire, que tem uma função político-pedagógica libertadora. A idéia dos coordenadores é aproveitar a experiência de educação popular desenvolvida em bairros da zona Leste, através de núcleos de ensino sediados em sociedades amigos de bairro, salões paroquiais e escolas municipais. Os cursos serão ministrados basicamente no período noturno com duração de três e quatro horas diárias. Alguns núcleos funcionarão durante o dia, voltados à alfabetização de donas-de-casa.

Para participar do movimento, os grupos populares de alfabetização devem constituir entidades sem fins lucrativos, ou estarem ligados a entidades com personalidade jurídica, a exemplo de comunidades eclesiais de base ou sociedades de amigos (Sab's). A entidade deverá ter representação

no Fórum dos Movimentos Populares de Alfabetização de Adultos de São Paulo.

Segundo o chefe de gabinete da Secretaria Municipal de Educação, Moacir Gadotti, o MOVA terá recursos próprios: "Nós dependemos da aprovação da proposta de Orçamento enviada à Câmara Municipal, mas contamos também com verbas dos nossos conveniados, como a Fundação Educar que traz recursos do governo federal." Alguns gover-

ursos para o projeto que tem um custo calculado em aproximadamente NCz\$ 26 milhões. O item isolado mais importante nesse custo é o pagamento dos 4 mil educadores previstos para ministrar os cursos, atingindo 55% do orçamento total, incluídos os encargos sociais.

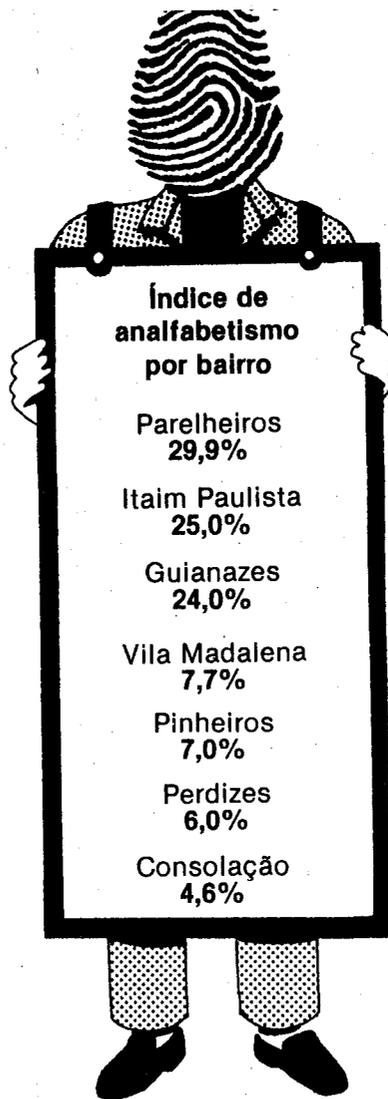
Causas do Analfabetismo

A Unesco, organismo da ONU voltado para o estudo das atividades educacionais, calcula que existem mais de 100 milhões de crianças sem escolaridade no mundo, sem considerar os adultos que nunca frequentaram salas de aula. No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 1987 pela Fundação IBGE, a população analfabeta atingia, naquele ano, 31,4 milhões de pessoas.

Esses números, considerados extremamente elevados pelos estudiosos do assunto, têm como principal causa a má distribuição de renda nos países do terceiro mundo. Um dos coordenadores do MOVA, Pedro Pontual, acredita que além da miséria existem outros fatores responsáveis pelos altos índices de analfabetismo no Brasil: "O fracasso do atendimento escolar, a falta de iniciativa por parte do governo em enfrentar o problema com maior seriedade e o valor que os pais analfabetos atribuem à educação de seus filhos também devem ser levados em conta." Em São Paulo, a migração interna também incrementa o analfabetismo, pois a cidade recebe anualmente cerca de 400 mil novos habitantes.

Analfabetismo no Município

Uma projeção feita pela Fundação IBGE para o ano de 1989, supondo as mesmas taxas de analfabetismo de 1980, revela que existem aproximadamente 1,5 milhão de analfabetos no Município, o que representa 15,3%



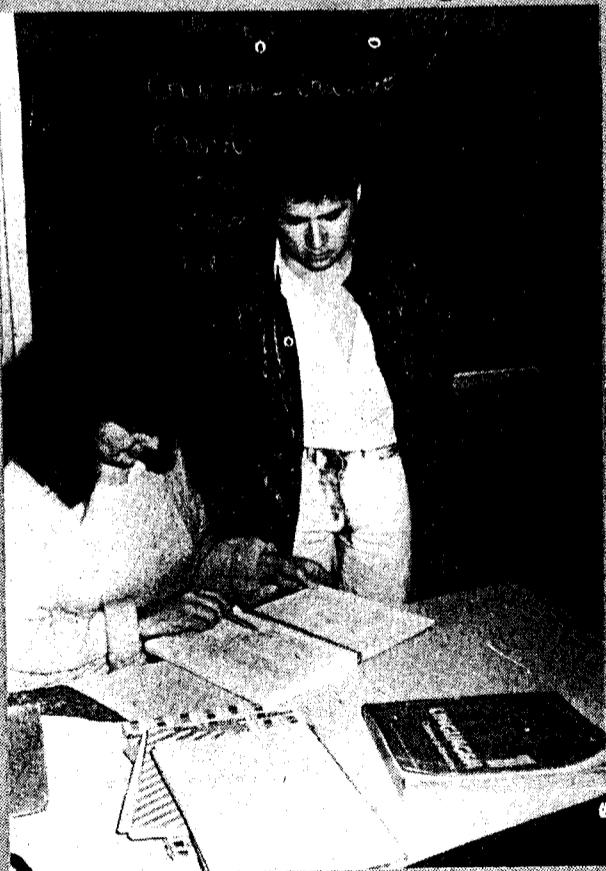
nos estrangeiros já se demonstraram favoráveis à doação de re-

da população. Ênio de Almeida, membro da coordenação do MOVA, estima em mais de 2 milhões o número de analfabetos e, São Paulo. "Isso porque o governo considera semi-analfabeto o indivíduo que sabe escrever o nome." O fato da evasão escolar fazer reverter o quadro de alfabetização também não é levado em consideração: "Muitos dos que frequentaram os primeiros anos da escola acabam por esquecer aquilo que aprenderam", diz Ênio.

As regiões mais afetadas pelo analfabetismo em São Paulo estão no chamado "corredor da miséria" formado pelos bairros da zona Leste, com um índice de 27% (562.755 analfabetos). No Itaim Paulista concentra-se a maior incidência (25%). Do outro lado da cidade, no bairro de Parelheiros, zona Sul, o analfabetismo atinge 29,9% da população.

A zona Oeste é uma das regiões mais beneficiadas pela infraestrutura escolar. Por esse motivo apresenta os mais baixos índices do Município (9% na média), o que representa uma população de 133.578 pessoas. O Bairro do Jaraguá é onde se concentra maior número de analfabetos na região (19.452), com um índice de 22,2%. Perdizes é o que tem mais baixo índice do Município (6%) Pinheiros tem 7%.

Método incorpora a conscientização



O chamado método Paulo Freire foi elaborado nos anos 60 com a proposta de promover a educação popular para adultos. Após o golpe militar de 1964, este projeto foi considerado "subversivo" e Freire teve de deixar o País, permanecendo por mais de dez anos no exílio. Mas seu método de educação para adultos passou a ser implantado em diversos países do Terceiro Mundo, principalmente nas colônias francesas e portuguesas, espalhadas pela África e América Central.

O nível de aceitação desse trabalho pelos colonizadores europeus não foi gratuito, pois o projeto combina a alfabetização a um processo de conscientização do direito de cidadania. A intenção dos colonizadores europeus estava mais próxima da formação profissional especializada, com vista a um aumento na produtividade dos trabalhadores, do que num processo de compreensão político-social dos mesmos. O tipo acabou saindo pela culatra, uma vez que se sucederam inúmeras ações populares de libertação em países como Argélia, Moçambique e Angola.

O método Paulo Freire parte da compreensão dos objetos que fazem parte do universo do trabalhador, como o tijolo, o ônibus, a vassoura ou a graxa. Ele permite que o alfabetizando não só aprenda a ler e escrever como também descubra sua relação com a sociedade. O objetivo é estimular o analfabeto a participar dos movimentos sociais e da vida política do País.